A ética relacional no acolhimento humano

Joselito Freire Moreira Araújo Filho[1]

Resumo

Consciente de que o ser humano cresce, descobre-se e alcança maturidade no contexto relacional, é imprescindível ver, sentir e pensar as atitudes éticas do indivíduo no encontro com o outro, consigo e com Deus. Este artigo tem por objetivo transparecer a importância do acolhimento na vida cristã, prática que requer movimento de saída, de ir ao encontro do outro com vista a uma ética relacional. Por meio de pesquisa bibliográfica, pretende-se apresentar a ética relacional no acolhimento, com a percepção de que os relacionamentos geram vida e respeito às diferenças, evidenciando nossa humanidade, externalizando o Deus que nos humaniza.

Palavras-chave: Humanidade. Relacional. Respeito.

Introdução

É de fundamental importância uma reflexão sobre a ética relacional no acolhimento humano, para que possamos peregrinar por caminhos alicerçados em valores capazes de ressaltar a nossa humanidade e que possibilitem a nossa humanização. O ser humano é um ser de relações que, continuadamente, é convidado a se abrir para o diálogo com Deus, convencido de que essa abertura ressalta a sua singularidade e o compromisso de realizar-se como pessoa. Araújo Filho (2017, p.20) reconhece:

> O ser humano sempre está a caminho, em uma longa peregrinação para algo ou alguém diferente de si mesmo e nesse caminho ele se realiza. Nesta busca, quanto mais se dedica a servir uma causa ou a amar o outro, tanto mais se tornará humano e encontrará a sua realização.

O relacionar-se consigo, com Deus e com o outro define o ser humano como um ser aberto ao ato de acolher, de compreender e de se relacionar. Em vista disso,

[1] Mestre em Teologia – UNICAP – e-mail: jfmaf@hotmail.com

esse artigo tem por finalidade apresentar o valor do acolhimento inserido no contexto da ética relacional, tendo como exigência o movimento de saída do conformismo, do extremismo, do absoluto, com vista a ir ao encontro do outro, na certeza de que esta saída gera vida e dissemina o que o ser humano tem de melhor: a sua humanidade, difundindo o Deus que nos humaniza.

1 A nossa humanização

Deus ama a nossa humanidade. A encarnação do seu Filho (cf. Jo 1,14) é a exaltação e a confirmação desse amor. Em Jesus, Deus se revela para todos os homens e mulheres com o desejo de ser encontrado e de se relacionar, não em lugares magníficos, mas na simplicidade do cotidiano do ser humano; o seu nascimento nos apresenta essa simplicidade. O nosso Deus traz em si a perfeição, no humano e no divino. Ambos, humano e divino, precisam ser amados e respeitados. Em Jesus, o divino e o humano são indivisíveis. "O Filho, ao assumir a condição humana com a encarnação, se torna uma referência absoluta de perfeição para todos os seres humanos" (PINAS, 2012, p. 507). O compromisso com o humano e com a nossa humanização é uma responsabilidade diária de todos aqueles que se dizem ou que pretendem ser discípulos de Jesus. Esse compromisso acontece no encontro consigo, com o próximo e com Deus, pois é a partir desses encontros que amo e me sinto amado.

O ser humano é convidado, diariamente, a percorrer o caminho do amor e da sua humanização, convencido de que esse compromisso surge do seu interior, sem perder de vista o que está à sua volta. Boff (1976, p. 26) declara que todo ser humano "é invocado a ser totalmente ele mesmo na realização de todas as capacidades que latejam dentro de sua natureza. Ele é constituído como um nó de relações voltado para todas as direções, para o mundo, para o outro e para o Absoluto".

A família é, de modo singular, o lugar primordial da humanização, o lugar onde Deus veio habitar e se apresentar para todos indistintamente. Deus não criou um espaço diferente, mas fez desse espaço humano a fonte de humanização, evidenciando que, onde há a prática do amor, há a ética relacional do acolhimento humano, apresentando e exalando para todos o amor de Deus (GASDA, 2016). A

família não tem como única referência o formato tradicional, mas abraça o *ethos* que significa morada, residência ou, ainda, um jeito de ser e de viver a partir do seu melhor. Ou seja, família é o lugar onde Deus veio habitar e se apresentar para todos indistintamente.

É esse amor divino que age e transforma a vida do ser humano, convidando-o para que se sinta parte integrante da criação, aquele que compreende e é compreendido, que ama e é amado, com o propósito de partilhar e multiplicar o amor de Deus para com o outro. Um amor que se fez carne, que se fez um de nós: é Deus no meio de nós. O Deus que caminha conosco nos humaniza e, a partir do seu agir e falar, manifesta o amor do Pai, convocando-nos a externalizar o nosso melhor: sermos capazes de transformar tristeza em alegria, indiferença em amor, ressignificando e superando limites, permitindo-nos viver a esperança (KONINGS, 2012).

É imprescindível ver, sentir e pensar as atitudes éticas do indivíduo no encontro com o outro, consigo e com Deus. A história humana é carimbada pela ação de Deus. A encarnação não só possibilita um amanhã de esperança, mas nos humaniza, tornando-nos portadores da graça e do amor de Deus. Deus não veio fazer morada entre nós para sequestrar a nossa humanidade; pelo contrário, apresenta a verdadeira humanidade.

A história humana tem se apresentado como um grande desafio à humanidade inserida em grandes questionamentos e dúvidas, alicerçada pelo egocentrismo, em que a ética foi esquecida e substituída pela competição e pelo lucro. O finito tornou-se o cerne do agir e do pensar, no qual o cuidado deixou de ser exaltado para se exaltar o descuido, seja consigo, seja com o outro. O Documento de Aparecida compreende a necessidade de uma consciência de que todas as atitudes que vão de encontro à vida fazem opções pela morte e pela negação de se relacionar. "O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte" (DAp 358).

É nesse contexto que somos convidados a colocar em prática a consciência de que fazemos parte de uma mesma família e de uma mesma casa, cientes de que

o ser humano é um ser social, relacional e de que somos provocados, continuadamente, pelo amor divino, a viver e a colocar em prática a esperança através de nossas atitudes e palavras.

Atento a essa prática, o ser humano é convidado a estar próximo de Deus. A partir da ideia de que tudo é efêmero, o ser humano tem se afastado da sua essência de ser filho de Deus, por isso há a necessidade de apresentar a ética relacional no acolhimento humano. Medeiros (2010, p.10), ciente do afastamento do amor filial por parte do ser humano, afirma que o ponto de partida para a volta é a "ética cristã no intuito de formar um ser humano mais solidário, à luz de alguns princípios. Esse aspecto possibilita um novo olhar, capaz de ressignificar o agir humano em relação aos valores evangélicos professados por Jesus Cristo".

2 Humanização relacional

É essencial que o ser humano tenha consciência de que todo relacionamento exige uma saída de si para ir ao encontro do outro, e essa mesma saída também é esperada do outro. Segundo Boff (2020), "quem melhor formulou uma ética do respeito foi o médico e pensador Albert Schweitzer (+1965). Ensinava: ética é a responsabilidade e o respeito ilimitado por tudo o que existe e vive".

Essa saída apresenta várias exigências subjetivas, como a superação da intolerância, da prepotência, da vaidade, tudo com o propósito de colocar em prática as três dimensões: amar a Deus, amar ao outro e amar a si mesmo. Essa prática tridimensional requer movimento de saída: ir ao encontro do outro com vista a uma ética relacional.

Este amar se concretiza a partir do momento em que o ser humano decide sair das carências emocionais, que sabotam e sequestram o melhor de si. Essa saída só será possível pela abertura do interior com vista ao acolhimento do exterior, em nome desse amor que não pode ser delineado, mas que pode ser retratado, já que o amor é um mistério. Contudo, nesse mistério em que se constrói a história, há uma busca pela compreensão de Deus e do ser humano em nome desse amor, a começar pela criação, pelo êxodo, alcançando o seu ápice na encarnação do Filho de Deus (HACKMANN, 2010, p.154).

A ética relacional no acolhimento humano deve ser dinâmica e permanente, no entendimento de que os relacionamentos geram vida e, por conseguinte, devem proporcionar respeito às diferenças, consciente de que o ser humano cresce, descobre-se e alcança a maturidade no contexto relacional. Ao externalizar o Deus que nos humaniza, evidenciamos a nossa humanidade. "Ademais, o ser humano alcança sua maturidade no estágio ético, ou seja, quando o homem consciente e livre vive e age coerentemente segundo uma ordem de valores" (PEGORARO, 1999, p. 3).

É imprescindível salientar que uma ética relacional integral e verdadeira só será possível através do esforço e do entendimento de que existem dois lados, esquerdo e direito, e o meio. O direito, o lado do extremismo; o esquerdo, o lado do absolutismo. Ambos são caminhos de exclusão e de indiferença (SILVA, 2003, p. 10). É preciso caminhar no meio: o caminho da escuta, do acolhimento, do sentir, do ver e da conciliação entre o divino e o humano.

No evangelho de Marcos (cf. Mc 3, 1-5), Jesus está na sinagoga e observa a presença de um homem com as mãos atrofiadas, excluído pela enfermidade. Jesus não hesita em vencer o desafio perante as pessoas que estavam ali presentes, convidando o homem para sair do lado, direito ou esquerdo, lados esses que são fruto de uma religiosidade mal elucidada que provoca exclusões e que impede a prática de uma ética relacional. O convite é feito para o homem vir para o meio; este levanta-se e é curado.

Atualmente, ainda nos deparamos com esse tipo de religiosidade e de sistema político que impede a cura do atrofiamento, ou melhor, do conformismo, ao negar ao ser humano a sua capacidade de superação e os seus talentos, visando a convencê-lo de que essa é uma realidade que Deus quer. Aceitar o convite de ir para o meio é ter coragem de abandonar o medo, a ociosidade e de acolher uma ética relacional que tem como alicerce o respeito e a admiração à diferença e à inclusão, sem deixar para trás a sua identidade e a sua história.

Inserido no contexto da ética relacional do acolhimento humano, é essencial apresentar a esperança, que se encontra pautada na própria essência humana, na qual se pode ver e sentir a sua humanidade. A esperança foi uma grande amiga de Jesus no seu itinerário. O que Jesus fala e faz é um convite para se viver o Reino de

Deus, uma proposta de esperança, com o presente e o futuro visando ao hoje. Essa proposta de uma ética relacional alcança o acolhimento humano, no qual a dignidade do ser humano é respeitada e convidada a se colocar como caminho, exemplo e testemunha de uma postura ética que condiz ou se aproxima da fala e do fazer de Jesus (SOUZA, 2013, p. 194).

É indispensável a superação de todo e qualquer sistema absolutista e extremista, em que não há espaço para o diálogo, o respeito às diferenças e às pluralidades. No seguimento a Jesus Cristo, o compromisso com a mudança interna e externa é primordial, visando a não só resgatar valores cristãos, mas também à responsabilidade de se tornar visível através de atos comprometidos com a proposta de Jesus. É nessa proposta que se busca a construção de uma sociedade na qual a ética relacional será pautada na esperança, empenhada em tornar o impossível possível. O Papa Francisco afirma: "não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico" (EG 117). É preciso entender que, dentro do contexto relacional, o que se vivencia é a fé, a caridade e a esperança, almejando uma significação ao novo que poderá surgir, ciente de que o mais importante não são os obstáculos relacionais, mas o sonho e a possibilidade de ambos caminharem juntos.

O caminhar juntos tem como entendimento a solidariedade, o cuidar do outro, a responsabilidade, obviamente sem deixar o cuidado de si. O Papa Francisco admite: "quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem" (EG 9). A ética relacional de Jesus nunca foi pautada na espera, mas na esperança. Na espera, eu sento e vejo o que acontece; na esperança, estou em saída, sinto-me chamado a sair de mim mesmo com o propósito de abertura à pluralidade e à diferença.

A saída visa a não só acolher, mas à disposição de quebrar e ultrapassar todos os muros e portas fechadas, todas as desigualdades que separam o ser humano. A ética relacional é um instrumento de acolhimento, reconciliação e superação pelo e para o amor, fortalecendo-se a cada instante de partida ao encontro do outro. Este movimento é gerado por um ardor missionário e se torna intenso à medida que encontra o outro. O Documento de Aparecida assegura que ainda "não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de

libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social" (DAp. 359). Esta ação é vista nos evangelhos: Jesus, Aquele que sempre está a caminho e indo ao encontro do próximo, colocando em prática o acolhimento, o perdão, a compaixão, o relacionamento, com o intuito de que o outro se apresente e que Ele possa se apresentar.

Considerações finais

Diante do exposto, fica a evidência e, ao mesmo tempo, a compreensão da necessidade de uma ética relacional no acolhimento humano, convencido de que a nossa humanidade carece de ser apresentada, cônscio de que a ética relacional requer exercício diário — de outro modo, corre-se o risco da desumanização. "Cabe lembrar sempre que a abertura ao outro é um dos aspectos mais importantes no processo da humanização e de enriquecimento da sua identidade, seja ela cristã ou não cristã" (ARAÚJO FILHO, 2017, p. 57). O não se relacionar, não dialogar, não respeitar, não acolher o outro, é uma negação do que realmente somos: humanos. A partir do momento em que o ser humano se sabota ou é sabotado em seu ser relacional, com Deus e com o outro, haverá o risco da autossuficiência, da prepotência, do fundamentalismo, do extremismo e do absolutismo, gerando em si mesmo um vazio, que é a sua desumanização.

Na ética relacional do acolhimento humano, há um vínculo com a alteridade; o outro é visto e respeitado em suas diferenças, exalando o perfume da sua humanidade, apresentando a todos o Deus que se fez carne e veio habitar entre nós. Jesus Cristo não só exalou perfume, mas perfumou todos com palavras e atitudes. Segundo Gergen (1997, *apud* TRINDADE; RASERA, 2013, pp.134-135), refletir sobre a ética relacional é ter coragem de estar em movimento, sair do absolutismo para a participação e colaboração; da vingança para a renovação; das normas para a praticidade. Jesus é esse modelo ético relacional para o ser humano; o seu nascimento confirma o Deus que é relacional e que nos convoca a criar relações: comigo, com Deus e com o outro.

Referências

ARAÚJO FILHO, Joselito Freire Moreira. **Acolhimento e escuta no diálogo inter-religioso.** 2017. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/968/2/joselito_freire_moreira_araujo_filho.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. Ensaio sobre a vocação humana. Petrópolis: Vozes,1976.

CELAM. **Documento de Aparecida**. CNBB. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CELAM. **Ética e espiritualidade face aos desastres ecológicos atuais**. 2020. Disponível em: https://leonardoboff.org/2020/02/15/etica-e-espiritualidade-face-aos-desastres-ecologicos-atuais/. Acesso em: 02 set. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

GASDA, Élio. **Humanização de Deus no ser humano Jesus**: mistério central do cristianismo. 2016. Disponível em: https://domtotal.com/noticia/1110360/2016/12/humanizacao-de-deus-no-ser-humano-jesus-misterio-central-do-cristianismo/. Acesso em: 11 set. 2020.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **A nascente do amor**. Atualidade Teológica. Ano XIV nº 35, maio a agosto / 2010. p.154-171. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17686/17686.PDF Acesso em: 09 set. 2020.

KONINGS, Johan. **Deus nos humaniza**. 2012. Disponível em: https://domtotal.com/artigo/3264/12/12/deus-nos-humaniza/. Acesso em: 10 set. 2020.

MEDEIROS, Veroni Teresinha de. **Alteridade e ética cristã**: a novidade para um ser humano solidário na teologia de Bruno Forte. 2010. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5835/1/423444.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

PEGORARO, Olinto A. O que é o ser humano? p.1-9 In: CARNEIRO, F. (org.). **A moralidade dos atos científicos** – questões emergentes dos Comitês de Ética em Pesquisa, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1999. Disponível em: http://www.ghente.org/publicacoes/moralidade/ser_humano.pdf. Acesso em: 11 set. 2020.

PINAS, Romildo Henriques. **Jesus como sentido último da história humana**. Elementos da Cristologia de W. Pannenberg. Atualidade Teológica, Ano XVI nº 42, setembro a dezembro/2012. p.503-539. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22304/22304.PDF. Acesso em: 07 set. 2020.

SOUZA, Gláucio Alberto Faria de. **A humanização do ser humano:** um diálogo entre a teologia e a obra literária "A hora da estrela" de Clarice Lispector. São Paulo. 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/artigo/Glaucio%20Alberto%20Faria%20de%20Souza.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

SILVA, Pe. Márcio Bolda da. **A ética teológica e a questão da fundamentação**. Encontros Teológicos, nº 35 Ano 18 / número 2 / 2003. Disponível em: https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/477/464. Acesso em: 07 out. 2020.

TRINDADE, Flávia Miranda Oliveira; RASERA, Emerson Fernando. **Considerações sobre uma ética relacional**. Psico. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 1, pp. 130-138, jan./mar. 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/artigo/Considera%C3%A7%C3%B5es%20Sobre%20uma%20%C3%89tica%20Relacional.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.